

CONSTELAÇÃO FAMILIAR: COMO PRÁTICA JURÍDICA E DE SAÚDE¹

FAMILY CONSTELLATION: AS LEGAL AND HEALTH PRACTICE

Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni, André Renê Barboni

Universidade Estadual de Feira de Santana; E-mail: suziavbarboni@gmail.com

Constelação Familiar é uma terapia breve criada pelo teólogo alemão Bert Hellinger que funciona como reforço antes das tentativas de conciliação, identificar bloqueios emocionais de gerações ou membros da família e para ajudar a solucionar conflitos na Justiça brasileira e no Sistema Único de Saúde (SUS) em vários estados, em conformidade com a Resolução CNJ n. 125/2010 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), a qual estimula práticas que proporcionam tratamento adequado dos conflitos de interesse do Poder Judiciário bem como com a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), publicada em 2006, que instituiu no SUS abordagens de cuidado integral à população por meio de outras práticas que envolvem recursos terapêuticos diversos.

INTRODUÇÃO

É cada vez mais urgente discutirmos acerca do adoecimento e do mal estar no ambiente acadêmico, em especial entre aqueles que consideramos altamente vulneráveis: nossos alunos e alunas. Isto porque nas últimas décadas, entre outros fatores, houve uma intensificação tanto no desmantelamento/crise da universidade pública como da produção científica, de forma mais agressiva, expressa na pressão por produtividade exercida por agências de fomento, somados aos problemas sociais com sérias repercussões na saúde física e mental dos discentes (KIENEN, 2003; CHERCHIARE, 2004; CATUNDA; RUIZ, 2008; SILVA; SILVA-JUNIOR, 2010).

A Universidade aparece, então, como um espaço ameaçador diante das situações tão complexas na questão pedagógico-científica da formação discente e que podem ocasionar sofrimentos ou potencializar problemas e dificuldades oriundas de vivências anteriores, extra-muros. Isto pode explicar índices de reprovação, atestados médicos frequentes, trancamento, evasão escolar e o desencantamento.

Some-se ainda os fatos da grande maioria dos universitários serem adolescentes com pouca maturidade psicoafetiva e que tiveram que definir uma profissão que muitas vezes não conhecem o suficiente, podendo gerar inseguranças, desânimo, decepção, abandono. Muitos, sem boas condições financeiras, deslocam-se de outras cidades, estão longe de suas famílias nucleares, num ambiente diferente e competitivo de estudos, com nenhum ou poucos amigos.

Os problemas supracitados dos alunos parecem ser irrelevantes e estes prosseguem à deriva sem nenhum tipo de acompanhamento, adoecendo mais, e invisibilizados. Num mundo em crise, que troniza o ter e não o ser, parece natural a desumanização, dentro de um modelo de universidade pautado na produtividade.

Claro que conflitos e crises fazem parte da realidade humana mas sua persistência e intensidade são fatores de adoecimento, desequilíbrio e até morte.

¹ Anais da XV Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, 15 a 21 de Outubro de 2018, UEFS, Feira de Santana.

Anos de ensino superior na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) associado às experiências da vida prática têm nos sensibilizado ante o adoecimento de nossos alunos e alunas. Jovens poliqueixosos e com baixo desempenho acadêmico nos surpreendiam a cada semestre, em especial, pelo potencial, por serem tão jovens e já sofridos, e com alto nível de inteligência que apresentavam para outras atividades extra sala de aula.

Os casos de alunas e alunos adoecidos foram se avolumando e tornando-se mais complexos e, como professores e também como pais, sensíveis à esta avalanche de problemas, lendo diversos autores do campo da psicopedagogia, tentamos – para aperfeiçoar nossa prática docente – identificar diagnósticos como, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), dislexia, disgrafia, hipercinesia, ansiedade, síndrome do pânico, depressão e outros transtornos psiquiátricos, e, problemas familiares diversos.

Além disso, em rápidas e superficiais “pesquisas de clima” identificávamos em suas falas o ambiente hostil que a Universidade representava, o bullying, a discriminação racial e de gênero, as questões sociais como agravantes do “estar na UEFS” como produtora de doença, confirmando o que víamos e líamos.

Vários alunos e alunas reportavam acompanhamento psicológico ou tratamento psiquiátrico em curso, mas bem sabemos que ainda que necessária e meritória a intervenção médico-farmacológica nestas questões, há claros limites que as abordagens terapêuticas neste campo, sozinhas, não conseguem resolver. Além disso, diversos autores pesquisados por nós (KIENEN, 2003; SILVA; SILVA-JUNIOR, 2010; ANDRADE et al, 2016), denunciavam que a dificuldade no ambiente escolar pode estar traduzindo outras dificuldades de outras situações que o jovem vive e isso sugere que uma abordagem mais abrangente e multiprofissional deva ser utilizada.

Assim, seriamente motivados a buscar uma intervenção com novos recursos terapêuticos para auxiliar estas pessoas em sofrimento, renunciando a qualquer intenção pessoal, ou pretensão de curar, ou de mudar destinos, debruçamo-nos reflexivamente sobre a literatura espiritualista e sobre Constelação Familiar (CF), criamos de forma pioneira uma disciplina optativa (BIO 161 Saúde e Espiritualidade) e iniciamos em 2014 atividades com alguns alunos. Paralelamente, ficamos atentos na oferta de palestras, minicursos e oficinas na UEFS para esclarecer sobre CF e outras abordagens entendidas como Práticas Integrativas e Complementares (PIC).

Com histórias longas de buscas pessoais no campo da Espiritualidade e trabalhando num contexto acadêmico em que pesa a doutrina materialista de diferentes vieses mesclado a interesses egoístas nas mais diferentes escalas, envolver-se com questões no campo da Espiritualidade nos levou a um lugar de rejeições veladas, julgamentos, rotulagem de “ação assistencialista/paternalista”, e, até mesmo, “anti-científica”.

Ainda assim, prosseguimos sem medo destas censuras, buscando repensar a nossa ação docente, a formação humanística destes jovens e criar na universidade “espaços seguros” que pudessem oferecer algum suporte ou acompanhamento aos alunos em suas angústias e problemáticas através de oportunidades de expressão, de meditação, de exercícios respiratórios, de debate com diferentes visões e concepções de mundo e apresentação de técnicas terapêuticas não convencionais/alternativas ao modelo hegemônico vigente para que eles mesmos pudessem tirar suas próprias conclusões e encontrar o seu caminho de autoconhecimento.

Para nossa alegria, durante o Primeiro Congresso Internacional de Práticas Integrativas e Complementares e Saúde Pública, realizado em março de 2018 no Rio de Janeiro, na presença da diretora da Organização Pan-Americana da Saúde, Carissa Étienne, o então Ministro da Saúde Ricardo Barros assina Portaria nº 702 (de 21 de março de 2018, GM) que inclui Constelação Familiar (CF), entre outras terapias, como Prática Integrativa e Complementar do Sistema Único de Saúde (SUS).

Este fato nos deu mais força e impulso para sabermos que estávamos no caminho certo. E em novembro de 2018, a UEFS sediou o 1.o. Encontro Bahiano de Vivências em PIC, sob coordenação da Profa. Ingrid Estefania Mancia de Gutiérrez (DSAU) durante o qual participamos de mesa redonda sobre Constelação Familiar e a palestra de encerramento sobre “Saúde e Espiritualidade”.

Assim, este artigo tem por objetivo a apresentação da abordagem terapêutica Constelação Familiar (CF) se constituindo num primeiro esforço sem, de forma alguma, esgotar a base teórica e as explicações sobre CF. Inicialmente, serão apresentados os conceitos e embasamentos da técnica e posteriormente alguns casos que serão discutidos à luz dessa perspectiva, sobre nossa experiência, no uso como intervenção junto aos nossos alunos, associada à disciplina e outros momentos pedagógicos, ao longo destes anos.

DESENVOLVIMENTO

Falar em Constelação Familiar (CF) no ambiente acadêmico – por incrível que pareça esta absurdidade – ainda é algo novo, e para alguns, uma ameaça ao conhecimento científico. “Tem espírito?”, perguntam alguns temerosos. “Como é isso?” questionam outras pessoas curiosas. Para outros, é tendência, modismo, com cursos rápidos e caríssimos ou sessões mais caras ainda, visando lucro, desconhecendo sua base, seu real valor e significado.

Constelação Familiar ou Constelação Familiar Sistêmica é uma terapia breve, sistematizada pelo teólogo/psicoterapeuta alemão Bert Hellinger (Anton “Suitbert” Hellinger), que a desenvolveu a partir de observações empíricas junto a tribos africanas, como missionário católico na África do Sul. Nessas missões, ele se impressionou com o movimento dos ritos e mitos que os nativos zulus faziam com relação aos seus ancestrais e os benefícios que isso trazia a eles e como refletia socialmente em termos de paz e harmonia. Quando alguém “errava” ou tinha algum problema, eles formavam um círculo, onde o sujeito epicentro do conflito era posicionado no centro deste círculo e as pessoas ao redor mostravam para ele as coisas boas que ele fazia, gerando um movimento de referenciar alguma coisa do seu passado, e a pacificação gerada a partir daí.

Intrigado com este fenômeno, Hellinger pôs-se a estudar e construiu uma técnica com vários espectros, que: considera o indivíduo como pertencente ao sistema do qual ele veio; estuda as emoções e energias inconscientes relacionadas à nossa história pessoal, à aspectos que a gente não compreende, mas que de uma certa forma gerou um movimento de bloqueio na vida; permite identificar e trabalhar estes bloqueios de forma rápida e eficaz facilitando esse movimento de desbloquear para fluir na vida; tem um olhar no campo sistêmico/familiar em busca de uma harmonia como a das constelações, onde cada elemento do cosmos está interligado aos demais por energias sutis que não podemos ver, ouvir ou tocar, não tem gosto nem cheiro, mas que é possível sentir e até medir os seus efeitos.

Hellinger também estudou Psicanálise, diversas formas de psicoterapia familiar e os padrões de comportamento que se repetem nas famílias/grupos familiares ao longo de gerações e se deparou com um fenômeno identificado pela psicoterapeuta americana Virgínia Satir, nos anos 1970, quando esta trabalhava com o seu método das “esculturas familiares”, na qual uma pessoa estranha era convidada para representar um membro da família, e ela, ao deixar fluir seus sentimentos/emoções, passava a se sentir como a pessoa a qual representava e chegava até a reproduzir, de forma exata, totalmente imparcial, sintomas e trejeitos físicos da pessoa representada. Da mesma forma, pessoas que apenas assistem sentem-se mobilizadas e profundamente tocadas com as histórias.

Esse fenômeno já havia sido descrito pelo criador do Psicodrama, Levy Moreno, e ainda é pouco compreendido e explicado. Algumas hipóteses têm sido levantadas para explicar as quais utilizando-se da teoria de evolução dos “campos morfogenéticos” de Rupert Sheldrake e apoiada em conceitos da Física Quântica como a não-localidade, mostram a eficácia da técnica.

Ou seja, não é misticismo nem mágica e tampouco Hellinger inventou o fenômeno: ele sempre existiu, e agora começa a ser estudado pela ciência e seus métodos que ainda carecem de inovação. A sua eficácia, por si só, já justifica a introdução da CF na Academia onde, na área da saúde, a técnica de “análise de histórias”, descrita por Eric Berne (1958) e aprimorada por Fanita English (1975), como constatou o próprio Hellinger, já revelava que muitos dos nossos problemas, dificuldades e mesmo doenças estão ligados a destinos de membros anteriores do nosso grupo familiar.

Além dessas influências, que ajudaram Hellinger a chegar naquilo que conhecemos hoje como Constelação Familiar, precisamos mencionar outras contribuições admitidas pelo próprio Hellinger para a construção da sua técnica: Arthur Janov (grito primal); Friedrich Hegel (fenomenologia do espírito); Immanuel Kant (idealismo transcendental); Ruth McClendon, Les Kadis e Thea Schönfeider (práticas de Constelações Familiares); Milton Erickson (reconhecer os sinais do cliente); Boszormenyi-Nagy (os vínculos invisíveis).

Reconhecendo as grandes contribuições dos autores citados e outras abordagens e técnicas que também focam na conciliação, é mais que justo dar a Hellinger o mérito pelo fantástico insight e pelo diferencial de seu trabalho. Este identificou a influência das **três leis** (abaixo explicadas) fundamentais e relevantes para explicar as desordens dentro dos sistemas familiares. A partir daí, Hellinger caminhou na direção de expandir o conhecimento da constelação através da prática, atendendo incansavelmente numerosos casos, ganhando mais segurança sobre sua técnica, aprendendo mais e mais com fatos reais, o que tem feito desde então, mesmo já avançado em idade como atualmente se encontra.

De forma sintética, a técnica de CF esclarece a origem do problema por facilitar o reconhecimento de padrões comportamentais sistêmicos, repetitivos de geração a geração, relacionados à nossa história pessoal/familiar e nos permitem ressignificá-los alterando/corrigindo o fluxo de comportamentos no sentido de trazer um equilíbrio ao sistema doente.

Hoje existem várias formas de se fazer CF porém sabe-se que toda a técnica está ancorada nas bases das Ordens do Amor, das Ordens da Ajuda e dos Campos Mórficos (ou morfogenéticos). Todo funcionamento da técnica está vinculado ao que Hellinger chamou de **Ordens do Amor** (ou **Leis Sistêmicas**). Ou seja, Hellinger

não criou estas Leis; ele as descobriu. Estas se se apresentam **três leis**: (1) pertencimento; (2) hierarquia e; (3) equilíbrio entre o dar e o receber (HELLINGER, 2003).

As Ordens do Amor receberam este nome porque Hellinger defende que as dinâmicas familiares, e em si, a vida é permeada pelo Amor, o “sentimento” básico, que no caso das CF, não é sentimento apenas: Amor é nível de consciência. E daí a sua força na solução de conflitos², emaranhados³, compreensão de tragédias e situações complexas, “maldições familiares”: o indivíduo em seu nível de consciência entende e é grato aos pais, familiares, antepassados, pois eles e elas fizeram “o que foi possível” e não o que achamos que seria certo. Não há como exigir nada além de seus limites. Por isso, compreende-se, acolhe-se, e não “perdoa-se”, pois não há o que perdoar.

O conceito filosófico e sociológico da “liquidez” e da efemeridade do amor na contemporaneidade (amor-prazer) não encontra sustentação alguma nas Ordens do Amor de Hellinger, cuja aplicação está à serviço da vida e da paz entre as pessoas. O amor é a base e estrutura de nossas vidas, atingindo as camadas mais profundas da alma dando conforto e segurança além de vincular os membros da família, sejam quem forem, acolhendo-os e respeitando-os exatamente da maneira como eles são. E por isso, a CF pode ser acusada de reacionária, “careta” ou machista descaracterizando seu importante papel na regeneração de nossa sociedade doente e brutalizada, onde crianças são abusadas e abandonadas física e afetivamente, gerando adultos enfermos e tristes.

Queiramos ou não, a vida nos põe limites e a condição do Amor. E este amor tem que ter como base o amor aos pais e ao seu sistema familiar. Sua violação não passa impune no Universo, gerando destinos trágicos, repetitivos e adoecimentos. E assim, as Ordens do Amor e suas três leis agirão quer as pessoas queiram ou não, tenham consciência ou não, pois o sistema buscará sempre o equilíbrio.

Vejamos então o que são estas leis para melhor elucidar.

A **primeira lei**, que pode parecer óbvia mas é fundamental nas CF, é o **pertencimento**, no qual postula-se que todo ser humano vivo ou morto tem o direito de pertencer ao sistema que o colocou no mundo. Sim: todos nós nascemos de um homem e de uma mulher e fazemos parte daquele sistema, assim como eles – nossos pais – fazem parte dos sistemas de nossos avós, e assim sucessivamente e igualmente. É o reconhecimento de cada familiar ao sistema gostemos ou não, queiramos ou não.

Excluir alguém, qualquer que seja a justificativa, traz sempre consequências para o sistema familiar, independente do motivo da exclusão: vergonha familiar, suicídio, aborto, roubo, etc. A exclusão não os retira da família, mas sim adocece a família. Quando alguém é excluído, não se fala desta pessoa, não há registros de sua vida, ela foi esquecida proposital ou inconscientemente. Daí a uma ou duas gerações uma criança nasce nesta mesma família e assume inconscientemente características do excluído. É a resposta do universo para reequilibrar o sistema familiar, e por isso, as chamadas “maldições familiares”. Por exemplo, o pai que expulsa

² O amor que adocece é o mesmo que cura.

³ Muitos dos problemas que as pessoas enfrentam são herança de seu sistema familiar e da confusão dos papéis entre os vários membros da família, impedindo que o amor possa fluir por todos e para todos: “aquele que não conhece a sua própria história tende a repeti-la”, é o que nas constelações são chamados de emaranhamentos sistêmicos.

a filha jovem solteira grávida poderá ter anos depois o mesmo comportamento na sua neta a qual toma para si a missão de reincluir naquela família a tia expulsa e repete o seu comportamento para ser vista, reconhecida, compreendida e incluída, ainda que ela não saiba e nem tenha conhecido a história da tal tia expulsa (lealdade sistêmica).

A **segunda lei** é a **hierarquia** a qual está entrelaçada com o tempo – fator que organiza o sistema familiar, a saber: primeiro vem o homem e a mulher; quando há o relacionamento, surge o pai e a mãe e, então os filhos; na sequência de nascimentos, o filho mais velho, o segundo filho, e assim por diante. Quem veio antes é “maior” e tem preferência, pois ajudou a abrir os caminhos para quem veio depois: os pais vieram antes e antes deles os avós e antes deles, os bisavós e assim por diante. Quando essa organização não é respeitada, criam-se conflitos, emaranhamentos, adoecimentos na família. Por exemplo: quando um filho caçula toma o lugar do irmão mais velho, acaba gerando um desequilíbrio na família (pela exclusão de alguém), e nele próprio que não consegue suportar a carga energética da posição que não é sua.

A **terceira lei** trata sobre **equilíbrio entre dar e receber**. Nas famílias, este princípio apenas não é igual entre pais e filhos, pois os pais deram algo que jamais os filhos poderão retribuir: a vida. Dessa maneira, os pais são os provedores e os filhos tem o direito de receber para sobreviver e, como não conseguem retribuir aos pais a vida que lhes foi dada, tomam o que lhes foi dado e vão para a vida adulta, retribuindo à sociedade e gerando/criando seus próprios filhos. Neste contexto, Hellinger questiona: “Quem falou que filhos tem que amar os pais?” O quarto mandamento diz “Honrai vosso pai e vossa mãe”, “honrai” e não “amai” quem pode ter te rejeitado ou ferido.

Entre os anos de 2003 a 2005, Hellinger aprimorou a sua forma de trabalho para um desenvolvimento ainda mais abrangente (além do contexto familiar), e que ele chamou de movimentos da alma. Essa extensão permite trabalhar contextos mais amplos do que o grupo familiar, tais como: a comunidade, no Judiciário (Direito Sistêmico), nos ambientes escolar e corporativo, o país, os diferentes grupos étnicos, etc., e ele descobriu e descreveu ainda os efeitos das intervenções (ajuda) e os princípios que as norteavam (**Ordens da Ajuda**). Assim, segundo Hellinger (2005, p. 11), “ajudar é uma arte. Como toda arte, faz parte dela uma faculdade que pode ser aprendida e praticada” e a ajuda é uma via de mão dupla que serve não só aos outros como a nós mesmos.

A ajuda, segundo Hellinger (2005), pressupõe, em primeiro lugar, que nós próprios tenhamos recebido e tomado e, assim, temos a necessidade e a força de ajudar os outros e, em segundo lugar, também pressupõe que aquele a quem queremos ajudar também necessita e deseja aquilo que podemos e queremos dar a ele, do contrário, a nossa ajuda se perde no vazio.

Hellinger (2005), a partir das dificuldades relatadas pelos participantes dos seus cursos de treinamento em Constelações Familiares, analisou essas tentativas de ajuda para descobrir: **1-** se ajudar era possível e permitido nesta situação especial e; **2-** quais os passos de ajuda que eram adequados ou necessários. Ele, a partir daí, estudou e identificou os cinco passos ou **Ordens da Ajuda**: **(1)** consiste em dar apenas e somente esperar e tomar o que se necessita; **(2)** nos submetermos às circunstâncias e somente interferir e apoiar à medida que elas o permitam. Essa ajuda é discreta e tem força; **(3)** o ajudante também deve se colocar como um adulto perante outro adulto que procura ajuda fazendo-o ver a sua necessidade de assumir as suas responsabilidades e

consequências dos seus atos; (4) a empatia do ajudante deve ser menos pessoal, mas sobretudo sistêmica para que eles possam ver e honrar quem foi excluído do sistema e ter nas mãos a chave para a solução; (5) o amor a cada um como ele é, por mais que ele seja diferente de mim. Só alguém que dá imediatamente um lugar em sua alma à pessoa de quem o cliente se queixa pode ajudar o serviço da reconciliação que é um dos objetivos maiores da CF que une o que antes estava separado. Assim, um bom facilitador deve aguçar as suas capacidades de observação, percepção, compreensão, intuição e sintonia em uma visão sistêmica de fraternidade e sororidade. Sem analisar, sem ter opinião.

Assim, uma vez que dispomos desse entendimento básico, a pergunta mais frequente que emerge das constatações acima apresentadas é a seguinte: afinal, como a técnica Constelação Familiar funciona?

Nem Hellinger sabe. Com duração média de quarenta e cinco minutos, mas variando de cinco minutos a quase duas horas, a CF, ao que tudo indica, funciona com base no modelo dos Campos Morfogênicos de Rupert Sheldrake (1981; 2009). Foge ao escopo desse trabalho explicar a teoria proposta por Sheldrake, mas basta saber que ela pressupõe que exista um campo de informação, não local, que nos une a todos – Campos Morfogênicos. Esse campo pode ser acessado pela CF.

A CF pode ser feita através de um atendimento individual ou em grupo, onde a situação problema pode ser representada por desenhos, bonecos ou, assim denominadas, figuras vivas, onde pessoas do grupo terapêutico são convidadas a assumir papéis que tem relação com o problema apresentado. Nesta situação, o caso é simultaneamente apresentado pelas esculturas vivas, que interagem entre si, e produzem uma cena que vai sendo discutida com o constelado sobre encaminhamentos a serem dados. As discussões giram ao redor de construir uma hipótese sobre a questão posta, a partir da compreensão dos limites e possibilidades do outro, tendo em vista o “olhar técnico/sistêmico” do constelador que acompanha a cena, as reações do constelado e a escuta do conflito que foi narrado. Assim é possível compreender a realidade do destino e seguir em frente. Inegavelmente há um processo pedagógico e emotivo de compreensão da vida e seus caminhos sinuosos e surpreendentes.

Como se trata de um fenômeno e não de ciência, as palavras e a nossa teoria são insuficientes para dar conta do que ele realmente é CF. Assim, daremos aqui uma breve explanação, em três tempos (**triangulação**) do modelo. Ressalte-se que esse formato aqui exposto não busca enquadrar de modo estanque a técnica, mas apenas a partir da CF clássica classificar seu funcionamento e sua atuação como sendo de uma “cena da vida” iluminada a partir do olhar do sujeito (o constelado), com vistas a construir uma formulação passível de ser empregada tanto em situações acadêmicas como institucionais.

Primeiro, é preciso apresentar a figura do constelador/facilitador, ou seja, a pessoa que coordenará a dinâmica. Para lidar com CF seja em ambientes profissionais, corporativos, acadêmicos não basta ser gestor de Recursos Humanos, Gestor de Conflitos, Coach, Gestor de Talentos ou outro nome que seja dado para o profissional que atuará com as pessoas. O constelador lida com feridas emocionais, com a dor, com algo que angustia e traz sofrimento à alma. Qualquer pessoa poderá buscar qualificação e atuar como facilitador não requerendo curso superior, desde que uma qualidade seja evidente: gostar de gente. Gostar de gente significa empatia, conhecer o ser humano nos seus limites, fraquezas e potenciais, suas incapacidades de lidar com suas próprias histórias, e acima de tudo, não julgar, não exigir. Importante também que o constelador seja

independente, imparcial: ele não deve interferir ou ter envolvimento com a situação constelada, mantendo distância emocional do constelado. Seu papel é de ajudador, “iluminador”, excelente observador, sensível, atento cumpridor e defensor das Ordens do Amor – base sob as quais as “regras do jogo” devem funcionar. Nunca de juiz, curador, oráculo, mestre arrogante ou “bonzinho”. Estas qualidades não se aprendem em cursos... algumas são desenvolvidas, mas outras, fazem parte do caráter e senso ético do ser. Seu foco é o constelado.

Segundo, é preciso ter um “caso concreto” trazido pelo chamado constelado, o qual entende-se, deseja “resolver” seus conflitos de forma dialógica e pacífica e para tanto dispõe-se a assumir suas responsabilidades e as consequências de seus atos. A técnica permite ao constelado ver o óbvio, pela “projeção da imagem interna de um conflito”. Permite a “reorganização” dentro das Ordens do Amor, o “colocar-se no lugar do outro” feita por meio de reposicionamentos e diálogos entre os vários membros do sistema em foco. Muitas vezes o constelado quer um resultado, direcionada a seus interesses pessoais; pode divergir dos movimentos que surgem; reagir agressivamente por não aceitar as Ordens do Amor; exibir comportamentos infantis como birra e manipulação; pode travar. Como a CF não é previsível, recomenda-se que no ambiente onde a técnica acontecerá haja segurança, e, acolhimento em forma de uma escuta atenta e sigilosa, dando sentido de solidariedade e de intercompreensão entre todos os presentes, sem julgamentos morais.

Terceiro, o constelador a partir dos relatos, deve delinear uma metodologia para a intervenção. Do ponto de vista operacional, deve ter inicialmente a permissão clara da pessoa para acessar o seu campo de informações (campo morfogenético). No primeiro momento, o constelador deve demonstrar que compreendeu o conflito a partir do relato e com permissão do constelado, seguindo as Ordens do Amor deve dar início à construção da cena do conflito. Pode-se questionar o constelado: “Você está disposto a olhar este problema?” Em caso afirmativo, o constelador deve pedir que o constelado escolha seu representante primeiro, depois os demais (conforme a hierarquia ou o que sua intuição/experiência sugerir) e os posicione. No caso dos representantes serem pessoas, estas seguirão as sensações corporais e se movimentam, ou exprimem emoções ou palavras conforme essas sensações (“movimentos da alma”). Pode ocorrer da cena apresentar inúmeros bloqueios de conteúdo social, espiritual, psicológico-afetivo e de desvirtuamento da situação (representação artificial, teatral). O constelador, ciente dos relatos e dos sentidos (ex.: uma simples pergunta, para ir verificando, pode ser: “isto faz sentido para você?”, é muito importante), sempre conferindo junto ao constelado, deverá, pois, estar atento às ocorrências de contradições, divergências, exacerbação de ânimos ou de relatos incompreensíveis e ininteligíveis tendo em vista que a situação pode ser “atemorizante” para o constelado no primeiro contato. Para a ação terapêutica da CF, o constelador também poderá pedir para o constelado repetir frases ou palavras “curativas” dentro das Ordens da Ajuda enquanto se fazem os movimentos para desembaraçar o emaranhamento (Ex.: “Eu agora te vejo, meu filho. Sinto muito... fiz o que pude”).

Pode-se dar por terminada quando ou houver acolhimento pelo constelado de possibilidades (“conciliação” com o destino) ou o constelado não permitir mais acesso ao seu campo de informação bastando para isso sinalizar para o constelador que não deseja prosseguir. Importante que ainda assim neste último caso, antes do fechamento, os familiares sejam colocados pelo constelador em seus devidos lugares conforme a hierarquia, e não como o constelado os vê, evitando reivindicações infantis deste. Assim, segue-se questionando

ao constelado se ele percebe sua posição, a organização da sua família e o que sente no seu verdadeiro lugar, desempenhando o seu verdadeiro papel, olhando “de dentro” sua família, sua constelação.

É importante frisar aqui, que para o pensamento sistêmico, não existem vítimas ou algozes, vitoriosos ou derrotados; não existe certo ou errado, mas a ideia de que tudo interage entre si de acordo com a sua natureza e nessa interação a gente não erra por que quer errar, mas a gente faz, ou deixa de fazer alguma coisa, porque era o que podíamos fazer, porque nos faltou e/ou não vislumbramos uma outra opção. Assim, uma pessoa que não recebeu amor na sua infância, provavelmente, terá dificuldades em expressar esse sentimento, quando adulta, para com os seus filhos. A gente dá o que a gente tem e, muitas vezes, temos dificuldades em perceber que não temos algo a menos que isso nos seja sinalizado.

A técnica de CF nos ajudam a perceber isso e o movimento de “libertar o outro”, que traz a responsabilização dos sujeitos e livra a pessoa de um processo de eterna vitimização, é uma ferramenta importante no alinhamento do campo às Ordens do Amor, pois libera a pessoa magoada para ser feliz, seguindo o seu caminho, e não mais se prendendo a uma situação que lhe causa dor e sofrimento e que exige a punição do “culpado”. Não cabe a nós esse papel, a própria Lei de causa e efeito se incumbem de garantir que a cada um seja dado o que lhe é devido.

Para melhor entendimento da metodologia empregada é importante fazer alguns registros de experiências verídicas vividas por nós cujos casos pessoais foram citados com nomes fictícios.

CASO 1: CONSTELAÇÃO FAMILIAR NO AMBIENTE ACADÊMICO VISANDO PACIFICAÇÃO

Esta CF ocorreu em uma oficina pública sobre CF realizada no campus universitário na qual foi constelada a UEFS à pedido de uma professora, Sr^a. Brigitte, a qual reportou tristeza em ver a situação da Instituição a qual considerava em adoecimento. O constelador convidou Brigitte para que explicasse sem alarde sua visão do adoecimento acadêmico e em seguida posicionasse os representantes. Esta escolheu quatro pessoas e posicionou-as de mãos dadas, em roda, assim nomeando-as: servidores, administração superior, professores e alunos. O constelador pediu alguns segundos de concentração aos representantes e depois ordenou “movimentos livres”. Imediatamente o representante dos alunos soltou as mãos do grupo, sentou-se no chão, apático, distante e quando questionado pelo constelador relatou estranhamento daquele lugar e disse querer conhecimento. O representante dos servidores também de mãos soltas assumiu a postura cabisbaixa e queixava-se de opressão ao tempo que se afastava do representante da administração. Este por sua vez, permanecia parado, no mesmo lugar do círculo, e sem saber o que fazer. Já o representante dos professores demonstrou adoecimento, com fortes dores corporais. O constelado introduziu um representante para o amor o qual foi posicionado entre os representantes da administração e dos professores. O representante do amor demonstrou cinismo e hipocrisia. Após vários movimentos, a constelação apresentava dificuldades para se chegar a uma “conciliação”. Visando dar estabilidade ao sistema, a profa. Brigitte com auxílio do constelador testou várias posições dos representantes e arrumou o sistema universitário trazendo outros elementos e posicionando hierarquicamente: integração com amor+educação+conhecimento como as raízes, os pais do sistema. Em

segundo lugar na hierarquia vieram no mesmo plano administração+justiça. No terceiro plano, professores+servidores. E por fim, os alunos.

Todos os representantes foram ouvidos pelo constelador e todos relataram sentir-se bem, seguros, no lugar que agora estavam. O constelador questionou a professora Brigitte sobre o sentido daquele sistema e esta relatou estar satisfeita com o que via. Percebeu-se que o sistema acadêmico está doente em especial pela **violação da Lei da hierarquia** e que o segmento mais vulnerável, os alunos, estão carentes, excluídos, necessitando de uma verdadeira e sincera ação dos pais do sistema (amor+educação+conhecimento), de uma Administração Superior pautada na justiça, e que professores e servidores interajam sem conflitos e constrangimentos, gerando saúde e equilíbrio.

CASO 2: CONSTELAÇÃO FAMILIAR INDIVIDUAL DE PESSOA JOVEM

CF precedida de algumas explicações sobre a técnica, apresentou-se uma jovem com queixa de ausência de relacionamento amoroso sólido – Aída. Foi perguntado pelo constelador se ela havia entendido do que se tratava a intervenção e se ela permitia acesso ao seu campo. Permitido, foi solicitada a Aída que formasse sua constelação de origem e os posicionasse. Ela atende colocando a mãe primeiro, o pai depois, e ela ao lado do pai. Foi perguntado sigilosamente: “É assim que você se vê? É ali seu lugar?” Ela respondeu afirmativamente. Foi pedido aos representantes que se concentrassem e depois liberassem movimentos. Alguns segundos e o representante da mãe se dispersou e aparentou indiferença, o representante do pai caiu no chão se contorcendo em dores e o representante de Aída sentou-se no chão, distante de costas para a cena. Foi perguntado se fazia sentido e Aída respondeu que não, pois o pai era forte e ela não entendeu o que estava acontecendo. Foi perguntado se faltava algo e ela responde que o irmão mais velho deveria estar ali para ajudar. Um representante para o irmão foi inserido e este se aproxima do pai caído enquanto os representantes dela e da mãe permanecem indiferentes. “E agora, faz sentido, Aída?” Ela responde: “Sim, meu pai e meu irmão são muito próximos, mas não sei porque estou de costas!” Foi perguntado se ela queria continuar e esta respondeu afirmativamente e sugeriu incluir o avô. Na entrada do representante do avô no sistema houve ampliação do sofrimento pai-filho e a constelada começa a chorar e disse que fazia sentido o que ela via e pede para incluir a avó. O representante da avó ao adentrar o sistema promove modificações: a mãe antes apática agora se movimenta e procura a representante da filha. A avó acolhe os representantes masculinos avô-pai-filho em sofrimento. A constelada olha muito a cena e depois fala: “Falta união”. É sugerido pelo constelador que ela coloque a união. O representante da união promove um movimento no núcleo avó-avô-pai-filho e em separado no sistema mãe-filha. A constelada informa que mesmo com união ela sente que não há amor. Ela convida um representante para ser o amor e este leva algum tempo para mobilizar o sistema, fazendo com que a avó busque o núcleo mãe-filha. Após vários movimentos, o pai começa a se levantar e a avó busca o pai para o núcleo mãe-filha. Aída sensibilizada, agradece pela constelação e finaliza com uma reverência do pai ao avô, num campo de muita energia. Ficou elucidado para a constelada no enfrentamento da realidade familiar, que para o sucesso de uma relação, é indispensável a movimentação direcionada aos pares e união, pressupondo troca. Nesta CF fica clara

a **violação da Lei do equilíbrio** havendo o dar e o receber de forma desigual entre os pares, e não de forma prazerosa, harmoniosa e equivalente.

Diante do conhecimento anteriormente exposto, destes dois relatos acima e das impressões positivas dos alunos da disciplina BIO 161 Saúde e Espiritualidade sobre CF, é de se esperar que nós autores deste artigo e professores compromissados com o bem estar dos nossos discentes, nos ocupemos doravante com esta terapêutica no ambiente acadêmico. Sim, afirmamos nosso compromisso ético com isso. Cabe, pois, envidarmos mais esforços junto à Administração Superior da UEFS e assumirmos ações efetivas seja no sentido de orientar os alunos sobre CF ou, até mesmo, implantarmos um Serviço de Atendimento em CF e outras Práticas Integrativas e Complementares (PIC), aprovadas no Sistema Único de Saúde (SUS), como: Análise Bioenergética; meditação; imposição de mãos; entre outras, como auxiliares terapêuticos/instrumentos de autoconhecimento para os nossos alunos, gratuitamente e com fácil acesso. Será “um serviço de amor”, de afetos, de inclusão e acolhimento, que pode contribuir para um ambiente acadêmico mais harmonioso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] ASSIS, A. D; OLIVEIRA, A. G. B. Vida universitária e Saúde Mental: atendimento às demandas de saúde e Saúde Mental de estudantes de uma universidade brasileira. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental**, 2(4-5), 159-177. disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/1113/1305>
- [2] ANDRADE, A. S.; TIRABOSCHI, G. A.; ANTUNES, N. A.; VIANA, P. V. B. A.; ZANOTO, P. A.; CURILLA, R. T. (2016). Vivências Acadêmicas e Sofrimento Psíquico de Estudantes de **Psicologia**. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 36(4): 831-846. DOI: 10.1590/1982-3703004142015
- [3] CHERCHIARE, E. A. N. **Saúde Mental e Qualidade de Vida em Estudantes Universitários**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas, 2004. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000341653>
- [4] BERNE, E. Transactional Analysis: A new and effective method of group therapy. **The American Journal of Psychotherapy**, 1958, 12, 735-753
- [5] CATUNDA, M. A. P.; RUIZ, V. M. Qualidade de vida de universitários. Pensamento Plural: **Revista Científica do UNIFAE** - Faculdades Associadas de Ensino – FAE, São João da Boa Vista, v.2, n.1, 2008. Disponível em: http://www.fae.br/2009/PensamentoPlural/Todas/artigo21_qualidadedevidadeuniversitarios.pdf
- [6] ENGLISH, F. I'm OK – You're OK (Adult). **Transactions Analysis Journal**, 1975, 5, 416-419

- [7] HELLINGER, B. **Ordens do Amor**: um guia para o trabalho com Constelações Familiares. Tradução de Newton de Araújo Queiroz. Revisão técnica de Heloísa Giancoli Tironi e Tsuyuko Jinno-Spelter. São Paulo: Cultrix, 2003. 424p.
- [8] HELLINGER, B. **Ordens da Ajuda**. Tradução de Tsuyuko Jinno-Spelter. Patos de Minas: Atman, 2005. 248p.
- [9] KIENEN, N. **Percepção das relações entre trabalho e saúde de professores e alunos universitários**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/85461>
- [10] SHELDRAKE, R. **A New Science of Life**: the hypothesis of morphic resonance. London: Blond & Briggs, 1981. 388p.
- [11] SHELDRAKE, R. **Morphic Resonance**: the nature of formative causation. 4ª ed. revisada. Rochester – EUA: Inner Traditions International, Limited, 2009. 352p.
- [12] SILVA, E. P.; SILVA-JÚNIOR, J, dos R. Estranhamento e desumanização nas relações de trabalho na instituição universitária pública. **Revista HISTEDBR On-line**, número especial, Campinas, SP, 2010.